

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

BELISA LAMAS GAUDERETO

**ENTRE A FOME E A VONTADE DE COMER: A COMIDA COMO
CAMPO E CULTURA**

VIÇOSA-MG

2014

BELISA LAMAS GAUDERETO

**ENTRE A FOME E A VONTADE DE COMER: A COMIDA COMO
CAMPO E CULTURA**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de Graduação de Bacharel em Ciências Sociais

APROVADA: 10 de julho de 2014

Douglas Mansur da Silva

Raquel dos Santos Souza Lima



Maria de Fátima Lopes

(Orientadora)

VIÇOSA-MG

2014

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade da autora

RESUMO: O presente trabalho propõe pensar o ato de comer não apenas como uma necessidade fisiológica, mas também como uma vontade social e cultural. Para tanto, o foco deste trabalho foram os estudantes que chegam à Viçosa-MG para estudarem na Universidade Federal de Viçosa. Estes mesmos, oriundos tanto de cidades bem próximas, para as quais é possível retornarem frequentemente, quanto de cidades distantes, para as quais o retorno é mais limitado. A distância entre suas cidades de origem e Viçosa, é o fator que auxiliou a conduzir as análises aqui realizadas. Como recursos metodológicos foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os estudantes e observações diretas em locais por eles frequentados, estas etapas foram realizadas a partir de perspectivas analíticas da Antropologia da Alimentação.

PALAVRAS-CHAVE: Costumes Alimentares, Estudantes, Viçosa.

Sumário

I. Introdução	6
1.1 Sobre os motivos e objetivos de estudar Antropologia da Alimentação	10
II. O processo de construção de um hábito	14
2.1 A alimentação como um campo de estudo antropológico	14
2.2 Os hábitos alimentares como universo simbólico	17
2.3 A busca por uma lógica possível	20
2.4 Religião e Comida	23
III. A Pesquisa de Campo	27
3.1 A cidade e a universidade	27
3.3 O universo dos estudantes em Viçosa	30
3.4 Entre a fome e a vontade de comer	31
3.5 A comida como um meio para encontros	36
IV. Considerações finais	44
Referências Bibliográficas:	49
Anexo I: Tabela sobre os estudantes citados no decorrer do trabalho	53
Anexo II: Roteiro básico das entrevistas	54

I. Introdução

A alimentação é um elemento fundamental na manutenção da vida humana, os alimentos representam uma necessidade fisiológica de todos os seres vivos, pois precisam deles para sobreviver. Entretanto, esta pesquisa, buscou compreender outro lado fomentador de forma singular do consumo alimentar; o lado simbólico, vinculado a cultura de cada pessoa e que se mostra tão fundamental quanto o aspecto fisiológico.

Embutido nas escolhas que feitas para comer estão envolvidos diversos aspectos relacionados a cultura na qual cada pessoa está inserida. Não fosse assim, não haveria distinções entre cardápios de diferentes países. Porém, em um mesmo país, em um mesmo Estado, em uma mesma cidade ou até dentro de um mesmo grupo, podem existir variações do que cada indivíduo percebe, concebe, transforma e consome como comida.

As variações podem ser melhores compreendidas com o conceito de *Simbologizar*, trabalhado por Leslie White (2009), que é a capacidade humana inicial para entender e interagir em uma cultura. Sendo assim, o símbolo se caracteriza como a base da cultura humana, pois é dele que surgem as representações de mundo, as artes em geral, ou seja, processos de criação e construção da cultura. A cultura será aqui compreendida com base na definição apresentada por Clifford Gertz (2008), como sendo, uma rede de significados e símbolos e assim como “teias”, tecidas pelos próprios indivíduos no decorrer de suas vidas, os amarram ao universo social aos quais estão inseridos. Estes símbolos e signos são assimilados e interpretados pelos indivíduos e agem codificando e decodificando os mais diversos aspectos de suas vidas. A cultura é o que norteia, dessa forma, a maneira como os

indivíduos pensam, comportam e sentem os mais diversos eventos ocorridos ao longo de sua vida em sociedade.

Símbolos e significados permeiam a existência humana em sociedade e atribuem sentido as ações nelas realizadas. Dentre tais ações, o ato de se alimentar também pode ser analisado como uma ação repleta de significados simbólicos e que muitas vezes passam despercebidos em nossos costumes alimentares cotidianos. É presumível, que tais costumes possam se diferenciar de acordo com fatores como religião, classe social, idade e região de cada indivíduo. Podendo-se ainda dizer que nós, seres humanos, não consumimos o alimento por si só, ou seja, pelas suas propriedades dietéticas, mas também o alimento como cultura. Com base nisso, a comida também pode ser analisada como um produto simbólico, pois as práticas alimentares são construídas socialmente.

Tentando melhor compreender as diferenças e especificidades simbólicas existentes em diferentes manifestações culturais, ou até mesmo dentro de uma cultura específica, a Antropologia adentra também ao campo da alimentação, pois “os hábitos alimentares nos permitem conhecer uma sociedade; falar de cozinha não se limita a falar de prazeres gustativos, mas fundamentalmente de princípios simbólicos.” (DUTRA, p.10, 2007). A Antropologia da Alimentação será aqui um instrumento analítico para estudar processos de transformações sociais, pelos quais estudantes que chegam ao município de Viçosa para estudarem na Universidade Federal de Viçosa (UFV), passam ao longo dos períodos de faculdade. Sendo assim, ao analisar o comportamento alimentar de indivíduos, se tem como resultado analítico não apenas um padrão de consumo dos mesmos, tem-se ainda uma análise da configuração cultural e social dos locais estudados, pois hábitos alimentares e normas comportamentais relacionadas a eles evidenciam preferências muitas vezes particulares e que caracterizam e criam uma noção de pertencimento a determinadas sociedades, lugares e grupos sociais.

O presente trabalho se construiu partindo da relação entre análise teórica e empírica, buscando por essas vias perceber o lugar da comida no processo de inserção e adaptação de estudantes da Universidade Federal de Viçosa. Como integrante da etapa empírica, foram realizadas conversas e entrevistas semi-estruturadas com estudantes, e observações diretas nos locais mais frequentados

pelos entrevistados para comer. As entrevistas, assim como as observações realizadas nesta pesquisa se caracterizam como uma etapa importante, pois preenchem lacunas cruciais para o entendimento dos *habitus* que os estudantes trazem consigo em relação à realidade que passaram a vivenciar em Viçosa. Os locais observados foram o Restaurante Multiuso (UFV), o Restaurante Universitário (UFV), o Restaurante Gerais (UFV); além de “barzinhos” da Avenida Santa Rita, dos quais, Bar da Rita, Lanche do Denis e Sabor e Companhia.

Foram realizadas conversas e quinze entrevistas com estudantes de diferentes cursos, sendo dez do terceiro período e os outros cinco, do oitavo ao décimo período de curso. A pesquisa seria inicialmente realizada apenas com estudantes do terceiro período, por já terem vivenciado pelo menos um ano em Viçosa. Contudo, após realizar dez entrevistas com estudantes do terceiro período e perceber a existência de padrões entre as repostas, me indaguei curiosamente a respeito de como seriam as respostas de estudantes que estão nos últimos períodos, prestes a se formarem. Para tanto, busquei conversar também com estudantes dos últimos períodos de faculdade até conseguir capturar um padrão ou uma lógica entre suas repostas.

As entrevistas começaram do contato inicial com uma estudante do terceiro período, a qual eu já conhecia, devido a sua família e a minha residirem na mesma cidade¹. Com ela realizei a primeira entrevista e iniciei a construção de um grupo de contatos para entrevistar. Assim sucessivamente este grupo foi se construindo, até o momento no qual pontos em comum nos discursos dos entrevistados foram percebidos.

O questionário semi-estruturado foi constituído por questões que objetivavam capturar dos estudantes respostas sobre a relação entre comida, memória e o tempo presente. Com o propósito de entender um pouco mais a respeito do universo social de cada estudante entrevistado, algumas perguntas foram feitas de maneiras diferentes conforme se dava o rumo das próprias respostas. Algumas questões, no entanto, eram invariáveis e de acordo com as respostas dadas a estas se construíram questões particulares a cada entrevistado quando necessário. A escolha

¹ Rio Pomba, que possui 67,05 Km de distância do município de Viçosa. De acordo com o site: ache distância, ou pelo link <http://achedistancia.com.br/distancia-de-rio-pomba-a-vicosa-mg.html>.

a este modo de entrevista é por se aproximar de uma conversa, quase que informal, numa tentativa de fazer com que os entrevistados relaxassem ou esquecessem que estavam participando de uma pesquisa. As análises destas entrevistas resultam na difícil busca antropológica por entender o “outro” e toda uma rede de signos a qual está inserido.

No segundo capítulo do livro “Antropologia de Grupos Urbanos” Rubem Oliven (1985), levantará questões referentes à pesquisa antropológica na cidade. O autor aponta técnicas de pesquisa características desta área, como a observação participante e o trabalho de campo. Técnicas estas, também utilizadas neste trabalho, que se enquadram no objetivo da Antropologia em entender o “outro” como um indivíduo social e cultural. Por muito tempo esse “outro”, foi representado por indivíduos pertencentes a sociedades culturalmente distintas das sociedades das quais pertenciam os antropólogos. Porém, quando a Antropologia se insere em meios “familiares” ao antropólogo, surgem outras dificuldades. Sendo justamente a maneira de transpor a experiência adquirida pela Antropologia em sociedades diferentes da sua, para a análise das sociedades ou grupos, complexos e familiares ao pesquisador, que Oliven (1985) busca esclarecer nesse livro. A dificuldade existente na relação de familiaridade entre pesquisador e objeto de pesquisa se fez presente durante todo o processo de pesquisa de campo e análise das entrevistas, deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Perceber o “outro” como um indivíduo cultural e social, isentando a análise empírica de percepções e sentimentos pessoais, foi aqui uma difícil tarefa. Se levarmos em consideração que também sou estudante da UFV, vim de uma cidade próxima e tive que passar por todos os processos aqui analisados. Essa forte identificação entre os costumes de quem pesquisa com os de quem se pesquisa, ocasiona a dificuldade de, de fato enxergar as práticas do grupo estudado a partir das reais perspectivas simbólicas e significativas do mesmo.

“O problema é, então, o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os “porquês”) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação.” (DA MATTA, 1974, p 28)

O problema presente na relação de familiaridade com o grupo pesquisado é correr o risco de analisar a relação com a comida para o grupo estudado com base nos valores simbólicos os quais, quem pesquisa também atribui sobre os mesmos alimentos e costumes. Corre-se o risco de passar despercebidos, pontos relevantes a uma pesquisa. No entanto, conforme argumenta Velho (1974), a pesquisa de um universo o familiar vem ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas antropológicas interessadas em analisar as mudanças sociais em seus níveis processuais e que por sua vez ocorrem no cotidiano dos indivíduos.

1.1 Sobre os motivos e objetivos de estudar Antropologia da Alimentação

A alimentação humana vista para além de uma ação estritamente fisiológica ou naturalizada, pode nos evidenciar códigos simbólicos relacionados à maneira de agir, pensar e sentir de uma cultura. Primeiramente é preciso pensar que o ato de se alimentar é um dos mais corriqueiros – se não for, o mais corriqueiro – de nossas vidas, pois todos os dias nos alimentamos. A primeira vista, não há nada de mais nisso, afinal, precisamos comer para sobreviver.

É justamente no momento em que o alimento se transforma em comida que a cultura passa a agir sobre os seres humanos, que são seres sociais e conseqüentemente culturais. Se mudarmos de país poderemos sentir falta da culinária com a qual estamos acostumados. Em se tratando de Brasil, entretanto, que é um país grande territorialmente, basta mudar, por exemplo, da região Sudeste para a Norte que se sentirá diferenças e estranhamentos para com a comida.

Sentir o impacto na diferença entre cozinhas regionais é inicialmente o modo mais prático de exemplificar e relacionar comida e cultura. Porém, dentro de cada cultura específica há redes de significados, nas quais estão presentes as regras de comportamentos que dotam de sentido as ações de seus indivíduos. Sendo assim, quando se está inserido e familiarizado em uma determinada cultura, é difícil perceber ação e sentido separadamente.

As reflexões iniciais acerca dos hábitos alimentares foram construídas a partir do interesse em pesquisar sobre o tema à luz das teorias antropológicas. A primeira leitura responsável por despertar o interesse em Antropologia da Alimentação foi o livro “Pureza e Perigo” de Mary Douglas, que contribuiu para começar a desnaturalizar os hábitos alimentares, percebendo-os como ações sociais e culturais.

O contato teórico inicial resultou na ambição por realizar leituras de obras que também possibilitassem, de alguma forma, uma maior compreensão da relação entre sociedade, cultura e alimentação. Correspondendo ao interesse foram lidas obras de autores como Luís da Câmara Cascudo, Claude Lévi-Strauss, Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Sidney Mintz, Clifford Geertz, entre outros. Estes autores, inicialmente, assim como outros que foram lidos no decorrer deste trabalho, contribuíram para a construção do interesse empírico sobre os hábitos alimentares e sua contribuição no processo de socialização, por meio do qual o município de Viçosa tornou-se um campo de observações a respeito.

Sobre o início das observações realizadas acerca dos hábitos alimentares no município de Viçosa, pode-se dizer que foram feitas “de carona” com pesquisas para disciplinas do curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Viçosa. Partindo de estudos dos mais diversos temas, tentava buscar dados, dicas, pistas e possibilidades teórico-metodológicas, que pudessem explicar os hábitos alimentares. Tendo sido possível, dessa forma, observar alguns lugares da cidade como a região central, onde se configura um dos locais mais procurados por estudantes da UFV, que buscam estarem espacialmente próximos da universidade. Sendo também nesta região, cada vez mais recorrente a construção de altos edifícios, com pequenos apartamentos, os quais possuem pequenas áreas externas, dificultando supostamente o cultivo e preparo de alimentos. Suposição que se complementa com a idéia de que, muitos dos moradores desses locais possuam uma rotina agitada, a qual os faça ter hábitos alimentares específicos.

Posteriormente realizei uma pesquisa para a disciplina de Sociologia Urbana, na qual o “campo” se passou no bairro de Nova Viçosa. A incursão neste bairro permitiu maior conhecimento a respeito de sua história e de sua realidade. Neste primeiro contato com o bairro, que fica a aproximadamente quinze minutos, de

ônibus, de distância do centro comercial do município, foi possível observar que ao contrário das residências do Centro, existe um predomínio maior de casas habitadas por famílias, com quintais, nos quais é possível se plantar a própria horta. E apesar de neste bairro os moradores também possuírem um estilo de vida acelerado, pois muitos trabalham fora de suas residências. O fato de pertencer a uma família e ter outras pessoas diretamente ligadas entre si propicia a reprodução de hábitos alimentares diferentes dos reproduzidos pelos estudantes do centro, dos quais a maioria está sozinha no município².

Outro fator observado, diz respeito à tentativa de muitos indivíduos em buscar justificativas para o gosto ou preferência por determinados alimentos ou comidas, que de início pode ser percebido como o resultado do processo de naturalização da cultura. O qual, entretanto, está eivado de significados simbólicos. As reflexões e observações preliminares acerca dos comportamentos relacionados à alimentação contribuíram para a elaboração e execução de uma pesquisa de iniciação científica, pela Universidade Federal de Viçosa e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esta pesquisa construiu seus objetivos a partir de incursão de teorias das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia, sobre natureza e cultura. Possibilitando organizar e sistematizar as relações e interações, no campo da alimentação, entre a ciência, o saber popular e o gosto de famílias de diferentes classes sociais no município de Viçosa.

Foi possível perceber, que os hábitos alimentares podem sofrer influências da ciência e tradição cultural de cada indivíduo, além dotar de identidade tanto um país, quanto dentro dele um pequeno grupo de pessoas que podem pertencer a uma família específica. Pensando, a partir das variadas influências existentes na constituição do hábito alimentar, se construiu o interesse em abordar neste Trabalho de Conclusão de Curso, o processo de adaptação de estudantes – vindos de outros municípios, para morarem sozinhos ou em repúblicas – à vida universitária e “independente” em Viçosa a partir de seus hábitos alimentares.

² Sozinhos no sentido de estarem sem familiares, amigos, ou conhecidos. Quando um estudante chega em Viçosa sem nenhum desses laços sociais ele tem que refazê-los, o que poderá ou influenciar na modificação de seus *habitus* ou em sua reprodução. Este é um dos problemas que este trabalho pretende verificar.

Pensar a alimentação humana para além de uma ação fisiológica e natural é um dos objetivos que norteia este Trabalho. Aqui a alimentação é tratada como sendo comida, ou seja, um coletivo de signos e símbolos aos quais imbricam o fisiológico, a ciência, a cultura e sentimentos, como a saudade e a noção de pertencimento os quais são articulados enquanto comemos ou mesmo lembramos de alguma comida específica.

Partindo da idéia sobre comida, outros dois objetivos norteiam este trabalho: analisar a partir dos hábitos alimentares, como estudantes que chegam a Viçosa para estudarem na Universidade Federal de Viçosa, lidam com a mudança; e também verificar se no decorrer desta socialização os estudantes de alguma forma reproduzem, rigorosamente, alguns hábitos alimentares de origem familiar³. Compreendendo qual o papel da comida no processo de adaptação ao novo e na construção de novos laços sociais. Sendo a mudança não apenas alteração de endereço, mas também mudança de relações sociais, de comportamentos e consequentemente de hábitos, resultando em um novo processo de socialização na vida dessas pessoas

No processo de construção de uma nova etapa de socialização, a comida pode receber papel de destaque por estar relacionada com significados que transitam entre os sentimentos e a razão. Devido a isto, o presente trabalho coloca como pressuposto inicial que quanto mais perto geograficamente de Viçosa um estudante more, mais difícil será seu processo de adaptação ao novo modo de vida. Sendo, consequentemente, que quanto mais longe geograficamente o estudante more, mais rápido se dará este processo.

O pressuposto se deu pela idéia de comida associada a sensações que ultrapassam ao paladar, pois associado a este sentido encontra-se a saudade, a memória, a identidade, entre outros sentimentos possíveis de serem associados à comida. Possibilitando com isso, ser a comida considerada o elo que ligue de uma forma mais direta o estudante com sua família e toda a sua história antes de mudar para Viçosa. Desta forma, quanto mais próximos os estudantes estiverem de suas

³ Sendo estes o modo como come o lugar onde se senta para comer, os alimentos inseridos nas comidas, ou práticas realizadas antes das refeições, como uma oração e o lavar das mãos, por exemplo.

memórias, mais chances terão de revivê-las, continuando a reproduzir de maneira constante, os hábitos alimentares e as relações sociais da vida antiga, o que dificultaria sua socialização em Viçosa. Em contrapartida, os estudantes que moram longe, acabam tendo que lidar com a saudade, a memória e a identidade de uma forma mais brusca, sem poder revivê-las por um período de tempo maior, o que facilitaria sua socialização e adaptação à Viçosa.

II. O processo de construção de um hábito

2.1 A alimentação como um campo de estudo antropológico

As Ciências Sociais consistem em um campo do saber que busca compreender os movimentos realizados pela sociedade nos seus mais diversos âmbitos. Dentre eles, o ato de se alimentar tem sido utilizado como um objeto de análise em várias obras; mesmo as que não possui a alimentação como objeto principal, muitas vezes, perpassam em algum momento pelo tema. O fato de em muitas vezes a alimentação chamar a atenção de pesquisadores ocorre porque “difícilmente outro comportamento atrai tão rapidamente a atenção de um estranho como a maneira que se come: o quê, onde, como e com que frequência comemos, e como nos sentimos em relação à comida.” (MINTZ, 2001,p. 31). A menção que Sidney Mintz faz aos sentimentos integrados ao ato de comer relaciona-se com a noção ou sentimento de identidade social de cada indivíduo, por isso a prática alimentar exercida por indivíduos de outro país, por exemplo, e com costumes diferentes aos nossos pode parecer exótica.

Muitas vezes o estranhamento remete não necessariamente à comida em si, mas a forma como se come também chama a atenção de um visitante. No Japão se

come arroz, que é um alimento consumido também no Brasil, ou seja, o alimento é familiar. Entretanto, a forma como os japoneses o comem – o ritmo e o hashi – pode causar certo estranhamento por parte de um brasileiro ao primeiro olhar. O que gera, neste caso, o estranhamento não é o alimento em si, mas a forma como se pratica a ação de comê-lo.

Outro exemplo é que em alguns países, se tem o hábito de arrotar durante o ato de se alimentar, pois esta é uma ação considerada sinônimo de saúde e satisfação pelo alimento ingerido. Porém para grande parte dos brasileiros, pode ser considerada uma prática ofensiva, sinônimo de má educação. Esse é um dos pontos interessantes ao se analisar os sentidos e significados dos hábitos alimentares, pois ofensa e má educação são comportamentos que saem do âmbito da fome ou necessidade diária de se alimentar e enquadram nas noções de comportamentos que aprendemos ao longo de nossas vidas.

Os dois últimos exemplos apresentados fazem alusão a repulsa, não em relação à comida, mas à forma como algumas culturas se comportam na frente dela, ajudam a compreender ainda mais como os seres humanos são seres culturais. Essa relação entre comida e comportamento remete a análise de Mary Douglas sobre o puro e o impuro, através da qual a autora observa alguns atos que dependendo do contexto podem ser considerados puros ou legítimos. Entretanto, ao mudarmos o contexto ou mudando apenas as pessoas que os praticam, eles podem ser considerados impuros ou inadequados. E, de acordo com a autora,

"A cultura, no senso comum, padronizou os valores de uma comunidade, serve de mediadora da experiência dos indivíduos. Provê, adiantadamente, algumas categorias básicas, um padrão positivo no qual as ideias e valores são cuidadosamente ordenados. E acima de tudo ela tem autoridade, uma vez que cada pessoa é levada a consentir porque outras, assim o fazem." (DOUGLAS, 2012, p. 54).

A abordagem de Douglas sobre cultura ajuda a pensar sobre a existência de uma memória individual e coletiva, em relação aos hábitos alimentares. Individual, pois se trata de um dos primeiros âmbitos do mundo da vida no qual um indivíduo pode fazer suas primeiras escolhas. Essas escolhas, no entanto, são determinadas socialmente, ou seja, as oportunidades de escolhas desse indivíduo irá se limitar ao que o coletivo no qual ele está inserido irá lhe oferecer.

Esse processo de coletivização das escolhas, inclusive das escolhas individuais, é também observado por Norbert Elias, considerando as noções de controle e autocontrole. Elias diz que no decorrer dos processos civilizatórios são estabelecidas, por terceiros, regras que se inserem na vida privada de um indivíduo, exercendo controle sobre o mesmo. Entretanto, essas regras não são, necessariamente, leis e fazem parte das rotinas individuais das pessoas. Tais regras criadas, muitas vezes, dentro de um grupo em particular podem acabar sendo incorporadas à rotina desse grupo e também de outros, de forma a exercer no interior dos indivíduos o autocontrole. O indivíduo passa a controlar a externalização de seus sentimentos, deixando ser visto, apenas, os comportamentos condizentes com as regras sociais as quais eles estão submetidos.

Devemos frisar que Elias trata as categorias de controle e autocontrole para refletir acerca do processo civilizatório, sendo estas categorias bases para se pensar o comportamento dos indivíduos civilizados. No entanto, estamos aqui fazendo uma interpretação dessas categorias para melhor compreender os hábitos alimentares e o processo de adaptação dos estudantes da UFV.

Antes de fazerem parte de uma memória individual, os hábitos alimentares constituem em um indivíduo parte de sua memória coletiva. Segundo Rodica Weitzman (2011), a memória coletiva serviria para formular, dotar de sentido e estruturar, a partir dos níveis simbólicos e cognitivos, as identidades sociais e individuais.

Questões referentes à memória coletiva e identidade cultural e social são também debatidas por José Carlos Rodrigues, que problematiza o conceito de cultura e suas representações. Segundo sua concepção de Cultura, esta seria uma representação abstrata do território, algo que de certa forma se torna parte da identidade de determinados locais.

"A Cultura, distintivo das Sociedades humanas, é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Puramente convencional, esse mapa não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo". (Rodrigues, 1986, p.11)

Pensando a alimentação como parte da composição de identidade e cultura presente neste "mapa", é possível dizer que a antropologia contribui para decodificar os sentidos e significados de alguns alimentos e práticas relacionados a eles. Alguns alimentos cumprem, inclusive, o papel de representantes, seja de uma religião, de

um objetivo de vida, de uma classe, uma região, um povoado ou mesmo de uma nação se tornando características marcantes destes locais. A feijoada, por exemplo, que no Brasil é considerada um elemento de identidade nacional, conhecida e apreciada em todo o país, nos Estados Unidos é considerada um alimento inferior, consumido por pessoas mais pobres e negras. Segundo Peter Fry (1982), a origem do prato é a mesma nos dois países – os escravos/ a senzala – mas a forma como cada cultura assimilou a iguaria se deu de forma diferenciada.

“A diferença é que no Brasil, a feijoada, criada na senzala, sofreu um processo de transformação para ocupar esse lugar de destaque, unificador, símbolo de nacionalidade. Assim foi retirada do grupo original, passando a ser de todos.” (MACIEL, 2005 p.52)

A flexibilidade simbólica existente nos hábitos alimentares é, ao mesmo tempo, o que define uma comida como local e faz com que se assimile ou se deixe interagir com hábitos não locais. Essa interação possibilita que “comportamentos relativos à comida podem, às vezes simultaneamente, ser os mais flexíveis e os mais arraigados de todos os hábitos”. (MINTZ, 2001, p 34). Os hábitos alimentares como o resultado processual de uma determinada cultura, podem sofrer mudanças a partir do contato, por exemplo, com uma cultura diferente. Essas mudanças podem ser observadas também em um universo micro, como os estudantes da Universidade Federal de Viçosa, foco de análise deste trabalho. Mesmo tendo cada um uma cultura e *habitus* próprios, estão sujeitos a alterações – a partir da interação com uma nova realidade cultural e social – nos costumes alimentares, se revelando tanto em relação às comidas mais consumidas antes e depois da chegada em Viçosa, quanto em relação às práticas do comer.

2.2 Os hábitos alimentares como universo simbólico

A possibilidade de interação entre hábitos alimentares permite que se pense na cultura não como uma junção de códigos e costumes rígidos, mas como uma rede de significados que se encontra em constante processo de transformação.

Ainda que um indivíduo pertença a um meio cultural específico, não está impedido de se familiarizar com culturas diferentes da sua, pois como membro de uma rede em constante processo de transformação também está passível de ter seus hábitos transformados.

Se os hábitos, incluindo os alimentares, são construídos e assimilados coletivamente ao longo da história, os indivíduos em diferentes épocas, também os adquirem no decorrer de suas histórias individuais, durante processos em que internalizam a cultura de onde viveram. Estes processos foram pensados lado a lado à escolha por pesquisar estudantes oriundos de outras localidades, pois supostamente carregam consigo hábitos alimentares apreendidos durante toda a sua vida, que ao chegarem a Viçosa podem se confrontar com práticas distintas das que estavam habituados. É justamente este momento de possível reconstrução, simbólica e prática das práticas, costumes e do *habitus*, que será aqui analisado.

É importante ressaltar que para melhor compreender os processos que estão envolvidos nos costumes alimentares, este trabalho utilizou a noção de *campo* e *habitus*, instrumentos analíticos formulados por Pierre Bourdieu. Para o autor, *campo* se refere ao espaço social construído na prática, ou seja, um espaço no qual as pessoas se relacionam, constituindo uma estrutura de troca. Já o *habitus*, está relacionado às práticas, saberes, metas, regras, sensações e impressões que os indivíduos apreendem ao longo de suas vidas. Pode-se dizer então que o *habitus* é a noção que engloba a “unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes” (BOURDIEU, 1996, p.21).

Pensando juntamente às noções de *campo* e *habitus*, de Pierre Bourdieu, podemos dizer que as maneira de agir seriam internalizadas de acordo com o *campo* em questão. Cabendo aqui ressaltar que cada *campo* possui uma maneira de agir característica, e se tratando de alimentação, isso não é diferente. Entendendo o *habitus* como um saber fazer, sentir, agir e pensar, adquiridos no decorrer da vida de um indivíduo – uma estrutura estruturada e estruturante – o utilizamos aqui para compreender o sentido da comida na vida cotidiana dos estudantes em Viçosa. Buscando perceber através dos discursos de estudantes, como a comida mobiliza o *habitus*, por meio de referências a experiências passadas, que foram sentidas e apreendidas ainda na companhia da família.

O conceito de *habitus* foi também trabalhado por Norbert Elias (1997), no entanto, para ele este conceito terá definições distintas do elaborado por Bourdieu. Para Elias o *habitus* está vinculado a um “saber social incorporado” pelos indivíduos de cada nação ou civilização, é um saber de origens mais difundidas, um exemplo de acordo com o tema deste trabalho é o ato de sentar em torno de uma mesa durante as refeições, ou fazer o uso de talheres para pegar os alimentos⁴, podem ser entendidos como um *habitus*, não são práticas que sempre existiram, ou que passaram a existir por um passe de mágica. É importante salientar que a concepção de *habitus* empregada nas análises deste trabalho será a elaborada por Pierre Bourdieu, pois como cada estudante que vem para Viçosa traz consigo em suas ações *habitus* específicos, frutos da influência da forma como cada capital foi articulado no decorrer de suas vidas.

Retomando a discussão a respeito de Norbet Elias (1993), ao tentar compreender como se deu a dinâmica existente no processo civilizador, ocorrido no Ocidente, o autor passa por questões relacionadas aos costumes alimentares vivenciados e reproduzidos em sociedade. Apontando para a existência de um processo constante de institucionalização das condutas e maneiras de agir dos indivíduos. E neste processo a civilização

“é posta em movimento cegamente e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se vêem obrigadas a conviver.” (ELIAS, 1993, p. 195)

Sendo este movimento, parte de um processo que segundo o autor, não se dá de forma racional e nem de forma irracional, se faz acompanhado de uma ordem estabelecida pela dinâmica social de cada época.

À luz de Elias podemos pensar que muitas normas e comportamentos sociais hoje tidos e reproduzidos como costumes e/ou boas maneiras, podem ter sido definidas por membros de uma determinada classe, muitas vezes a mais abastada financeiramente e como forma de se diferenciarem do restante de sua sociedade.

Ao fim do século XVIII, pouco antes da revolução, a classe alta francesa adotou mais ou menos o padrão à mesa, e certamente não só este, que aos poucos seria considerado como natural por toda a sociedade civilizada. O Exemplo M, datado de 1786, e muito instrutivo neste particular: mostra como costume ainda indisputavelmente de corte o mesmo modo de usar o

⁴ A forma como são articulados estes saberes por cada indivíduo ou pequenos grupos de indivíduos, no entanto, terá a ver com o conceito de *habitus* trabalhado por Bourdieu.

guardanapo que, em breve, se tornaria costumeiro em toda a sociedade burguesa civilizada. (ELIAS, 1994, p. 113)

Podemos compreender com Elias que normas ou padrões de comportamento estabelecidos por uma classe específica, no passado, podem ter sido assimilados por indivíduos pertencentes a outras classes. Este processo de assimilação e apreensão dos padrões ocorre de forma lenta, juntamente com a adaptação de forma processual, conforme cada realidade e assim vai se construindo o que Elias considera como *habitus*.

A leitura das obras de Elias possibilita a percepção da construção dos costumes alimentares como parte de um processo, pelo qual podemos tentar compreender aspectos da vida contemporânea e no caso deste trabalho – desde a alimentação – o processo de familiarização dos novos estudantes à dinâmica da vida em Viçosa. É possível encontrar nos atos e *habitus* alimentares, costumes relativos à posição e origem a qual os grupos de indivíduos pertencem dentro de uma sociedade. Entretanto se deve atentar para o fato de que os estudantes, quando chegam a Viçosa passam a pertencer à “classe social estudantes”, independentes da classe a qual pertencem na cidade da qual saíram. Este fato pode gerar ainda mais conflitos de deslocamento – cultural, de socialização e de posição de classe – ao estudante recém chegado.

2.3 A busca por uma lógica possível

Lévi-Strauss, na série Mitológicas, analisa mitos indígenas que nos permite, a partir do olhar antropológico do autor, entender um pouco mais acerca do processo de construção das crenças que fundamentam dentre outros âmbitos da vida social, os hábitos alimentares. Os mitos descritos por Lévi-Strauss nos ajuda na compreensão do processo no qual os costumes e crenças vão se tornando dotados de significados para os grupos que os praticam. A análise desses mitos propicia o entendimento da organização e percepção de mundo do grupo que a criou.

Entretanto, a partir da reflexão dos mitos indígenas descritos pelo autor, é possível perceber que nos ajudam a pensar e a problematizar os significados presentes em nossos próprios hábitos, possibilitando

“um certo reconforto ou concluir pela futilidade de tantos cuidados, pelo fato de interpretações elaboradas com tanto trabalho, a partir de mitos longínquos e à primeira vista incompreensíveis, desembocarem em analogias universais”(Lévi-Strauss, 2004,p. 383)

Lévi-Strauss retoma o debate em torno da categoria de Natureza e Cultura. Logo no primeiro livro da série ele analisa as categorias de cru e cozido, que podem ser interpretadas como a representação do processo de civilidade, quanto mais o processo de preparo do alimento se caminha para o cozido mais civilizado é quem o consome. Podemos, ainda com base em Lévi-Strauss, pensar que essa lógica binária não termina, entretanto, com o cozimento dos alimentos, as ações humanas também poderão remeter às categorias de Natureza e Cultura. A fome, por exemplo, como um processo fisiológico representa o natural, enquanto o que a pessoa com fome escolherá para comer será uma ação cultural e repleta de significados próprios.

Sem deixar de lado a percepção dos mitos⁵ como possuidores de uma linguagem codificada e compartilhada por determinados indivíduos – o que auxiliará a compreender os sentidos e significados dos costumes dos indivíduos – retomarei a abordagem de Norbert Elias. Como já foi dito, Elias, apresenta em sua obra a percepção de que o processo de propagação e reprodução dos hábitos em sociedade é transmitido a partir de uma classe social mais elevada, por exemplo: da corte européia, para a burguesia, que embora tenha adquirido o capital econômico precisa ainda do capital cultural, apropriando-se então de normas utilizadas pela classe que o detinha. Assim, grupos de indivíduos em uma tentativa de se manterem inseridos na esfera social almejada passam reproduzir esses hábitos.

Dentre os hábitos reproduzidos, reafirmamos os referentes a alimentação neste trabalho receberão destaque. Podemos analisar o seguinte exemplo: um indivíduo, que não pertence à elite, se alimentando de uma comida cara; esta ação pode ser um indicativo de que o mesmo teve dinheiro o suficiente para pagar por ela. Entretanto, se somarmos a isto o fato de comer o alimento caro da maneira como a elite o come, pode nos indicar que o indivíduo não só tem o dinheiro como

⁵ Mitos como uma linguagem que deve ser decodificada pelo pesquisador de fenômenos sociais específicos.

também o conhecimento e refinamento equivalente a um membro da elite. É necessário lembrar que este movimento de reprodução dos hábitos, segundo Elias, se dá de forma processual, não sendo, portanto, algo que ocorre repentinamente em uma sociedade.

Este movimento de propagação dos costumes, partindo de classes sociais, remete ao pensado por Pierre Bourdieu, no livro *Economia das Trocas Simbólicas* (2011), do qual será, neste momento, abordado o processo de reprodução da moda

“De fato, um estilo deve mudar necessariamente quando já foi totalmente divulgado, uma vez que, se pretende ser signo distintivo, não pode universalizar-se sem que perca a significação, o valor (no sentido de Saussure) que deriva de sua oposição aos outros elementos do sistema. Sem dúvida alguma, é este o mesmo princípio que impõe à busca pela distinção a necessidade de renovação constante dos seus procedimentos expressivos em todas as esferas onde (a partir da produção em série, por exemplo) os índices tradicionais de status tornam-se mais amplamente acessíveis e onde a preocupação de marcar as diferenças deve exprimir-se pela rejeição de certos tipos de consumos e práticas considerados muito comuns (a fotografia, a televisão ou um certo tipo de turismo), ou então, pela maneira original de sujeitar-se a tais consumos e práticas.” (BOURDIEU, 2011, p. 19-20)

O processo de reprodução da moda, pensado por Bourdieu, possui uma forma cíclica, a qual condiz com a própria efemeridade da moda, que basicamente já nasce com prazo de validade. Ao ler a análise de Bourdieu podemos perceber que junto – ou atrás – desta efemeridade existe um costume, uma prática comum, habitual, durante o processo de reformulação da moda. Por mais que este processo se dê de forma relativamente rápida e efêmera, consiste também em um movimento processual esperado e praticado a cada nova tendência lançada, da qual primeiramente se apropria as elites e dela vai se popularizando até o momento em que vira algo acessível a todas as classes.

Entre o que foi ressaltado, até o momento, em relação a Elias e Bourdieu, podemos compreender que as ações dos indivíduos são, muitas das vezes, pautadas por seus hábitos que podem refletir inclusive na maneira de pensar dos indivíduos. Embora Elias tenha pensado a constituição e reprodução dos costumes pautada na compreensão do processo civilizador, ele nos fornece também bagagem teórica suficiente para pensarmos na importância que os costumes exercem em todas as sociedades e em todas as épocas. Assim como, a análise da reprodução da moda feita por Bourdieu, a partir da qual podemos perceber que por trás de uma

lógica efêmera existe uma lógica ainda maior, que faz de tal efemeridade um costume, uma prática, ou seja, algo esperado.

A reprodução das regras que se tornam hábitos, só acontece porque as pessoas que as praticavam inicialmente estabeleceram para com as mesmas um motivo de ser, uma lógica própria, estando dotada de sentido para o grupo que a realizava. O que estou querendo dizer é que, para ser utilizado como um hábito de distinção de classes, esse hábito para que chegasse a ser considerado como tal, teve de exercer no primeiro grupo praticante uma lógica própria e dotada de sentido. Entretanto, a sua repetição futura pode ser assimilada de maneira corriqueira, ou como um exercício de reprodução de uma regra de etiqueta.

Retomando a análise de Lévis-Strauss acerca dos mitos. Elias e Bourdieu são bastante contundentes em relação a se pensar o processo de transmissão e reprodução dos hábitos. O pensamento de Lévis-Strauss se faz aqui importante no sentido de que ajuda a complementar a compreensão dos hábitos, sobretudo, os alimentares. Pensar os mitos de uma sociedade é pensar sobre a concepção de mundo da mesma, “os mitos significam o espírito, que os elabora por meio do mundo do qual ele mesmo faz parte” (LÉVIS-STRAUSS, 2004. p.385). Este entendimento e visão de mundo, existente nos indivíduos, são de extrema importância para compreendermos os seus costumes, pois fornecem significado e sentido aos mesmos.

2.4 Religião e Comida

Não é intenção deste trabalho fazer uma análise descritiva e detalhada de mitos presentes na alimentação dos estudantes que chegam em Viçosa. Porém a forma com a qual Lévi-Strauss analisou os mitos dos indígenas da América contribuiu para que fosse dada, neste trabalho, atenção às formas de pensar e sentir que possam contribuir na formação da concepção de mundo dos indivíduos, principalmente a aquelas que de alguma forma reverberam nas práticas alimentares.

Após pensar acerca dos mitos de uma sociedade como um sistema de significação simbólica que expressa a noção de mundo desta sociedade de si e para si, se pensará agora sobre o pensamento religioso, pois a religião também contribui para a construção de visões e sentimentos de mundo, assim como maneiras de agir dos indivíduos. Os costumes relacionados à religião podem estar entre os mais arraigados de algumas sociedades, o mesmo é capaz de orientar ações de indivíduos, que em diversas situações se regulam baseados nos dizeres e regras da religião as quais pertencem.

Embora a religião não seja o principal eixo norteador deste trabalho, ela se localiza privilegiadamente dentro das sociedades, tanto por cumprir parte do papel de contribuir para a formação dos indivíduos, quanto por estabelecer regras relacionadas à alimentação, este sim, objeto central de análise neste trabalho. Portanto, como uma tentativa de analisá-los e melhor compreendê-los, veremos agora Mary Douglas e Marvin Harris – cada um em seu respectivo trabalho e concepções teóricas – que analisaram hábitos alimentares pautados por uma lógica associada a regras religiosas. Digo lógica, pois mesmo sendo regras elaboradas por uma religião e conseqüentemente concebidas por meio de um modo de pensar religioso, elas possuem alguma justificativa objetivada para atribuir sentido e legitimidade à regra.

Segundo Harris, algumas regras religiosas possuem o mesmo objeto analítico de pesquisas científicas, servindo estas últimas para reafirmar a veracidade de uma regra, ou crença⁶. O autor ao estudar a restrição à carne de porco no judaísmo percebeu que uma das justificativas para este comportamento alimentar pode ser compreendida se retornarmos ao Cairo no século XIII. Neste período o médico da corte de Saladino, Moisés Maimônides, explicou tal rejeição através de uma mistura entre crença religiosa e análise científica, pois para ele Deus proibira tal alimento pelo fato de causar efeito maléfico, ou mal estar, nos indivíduos.

"Afirma Maimônides que Deus havia imposto a interdição da carne como medida de saúde pública. Essa carne 'tem exercido uma influência maléfica e daninha sobre o organismo', escreveu o rabino. (...) Nos meados do século XIX, a descoberta de que a triquinose era causada pela ingestão de

⁶ Sabe-se que a palavra crença pode ser interpretada por um viés político/social, entretanto neste trabalho seu sentido se voltara para o campo religioso, sendo utilizada para expressar o fato de acreditar em um pensamento/regra religioso.

carne de porco mal cozida foi interpretada como uma prova da sabedoria de Maimônides. Os judeus com idéias mais reformistas rejubilaram-se com a racionalidade dos códigos bíblicos e prontamente renunciaram ao tabu contra o porco (...). Isto levou os rabinos de convicções estritas a lançar um contra-ataque a toda tradição naturalista " (HARRIS, 1978 p. 37)

O ocorrido com as tradições dos judeus frente a uma descoberta científica do século XIX, considerada racional, poderá servir de base para as questões em torno do papel transformador e também legitimador que, neste caso, a ciência pode exercer sobre as regras religiosas. O comportamento de alguns judeus, que renunciaram a tradição, se deu devido ao nível de racionalização dela. Percebendo que o problema do mal-estar gerado pela ingestão da carne de porco estava relacionado ao seu mau cozimento e não propriamente ao animal.

O contra-ataque, citado por Harris, se deve ao apego à tradição e foi embasado pela lógica de que a carne de porco – mal cozida – gera malefícios à saúde humana, entretanto o mau cozimento de outras carnes também pode fazer mal a saúde. Então por que apenas a carne de porco seria proibida? Acreditavam com isso que Jeová, ao proibir a carne de porco, ambicionava “algo bem mais importante do que o simples bem-estar físico”. (HARRIS, 1978 p. 37). Desta forma, repensam as regras e advertências religiosas existentes na tradição, reafirmando-a. Podemos observar que a descoberta científica, neste caso, legitima que a carne suína pode gerar malefícios a saúde, ocasionando tanto a renúncia da tradição por parte de alguns, quanto à reformulação e reafirmação da tradição por parte de outros.

Refletindo ainda sobre a influência do pensamento religioso nos hábitos alimentares em “As Abominações do Levítico”, Mary Douglas também irá tratar de questões que envolvem hábitos alimentares e religião. A autora também se fundamentará em explicações religiosas, mais especificamente no Levítico, passagem bíblica pertencente ao antigo testamento, na qual Deus teria dito a Moisés as normas a respeito do que se comer ou não. Partindo destas normas a autora pretende encontrar os verdadeiros motivos do repúdio e adoração a algumas espécies de animais, como “criaturas de 4 pés que voam (11, 20-26) são impuras. Qualquer criatura que tenha duas pernas e duas mãos e que anda com todas as quatro como um quadrúpede é impura (11, 27)” (DOUGLAS, p. 72). No trecho citado

a autora se refere a animais como gafanhoto, bastante apreciado em determinadas culturas.

Reapropriando o debate dos autores para o nosso contexto, é possível observar que no Brasil, iguarias como as citadas por Douglas não são muito difundidas nos hábitos alimentares dos indivíduos, porém a observação da autora nos ajuda a refletir sobre outros hábitos referentes à relação comida e religião. Dentro da religião Católica, por exemplo, em determinadas ocasiões o consumo de carne vermelha é proibido, o que resulta em um aumento do consumo de peixes. Seja no ato de jejuar, de se proibir alguns alimentos ou se exaltar outros, em todas as religiões é possível perceber o significativo papel da alimentação. Para a pesquisa com estudantes, o presente trabalho buscará analisar as influências da religião, se os mesmos forem pertencentes a uma, nos seus hábitos alimentares e qual a relação, entre comida e religião antes e depois de vir estudar em Viçosa.

Levando em consideração que a escolha de uma religião e sua prática é repassada e apreendida a partir de influências familiares. Deve ser também refletido que uma religião pode não influenciar explicitamente nos costumes, como os casos estudados por Harris e Douglas. Em contrapartida, algumas regras e valores religiosos já estão arraigados nos costumes de um grupo, ou mesmo em uma sociedade que muitas vezes podem passar despercebidas. “A comida também fala de religião, de forma explícita ou velada, antiga ou atual” (WOORTMANN, 2013, p. 12). Ao tratar a comida como uma linguagem Woortmann reforça a ideia de que há práticas no consumo de alimentos que por fazerem parte de uma rotina do indivíduo, acabam passando despercebidas de sua verdadeira ordem. Conforme a autora, se buscarmos na história da religião poderemos encontrar sentidos, nos quais a comida poderá “falar” sobre “identidades perdidas, tradições e práticas que permanecem ao passo que sua memória foi obscurecida” (WOORTMANN, 2013, p. 12). É importante perceber a existência da influência indireta nas maneiras de pensar e se comportar, por isso achei importante abordar, mesmo que brevemente, algumas teorias sobre o pensar religioso, pois uma religião pode ter seguidores de diversas classes, gêneros e etnias, como é o caso do Brasil e o Catolicismo.

III. A Pesquisa de Campo

3.1 A cidade e a universidade

Este trabalho, conforme mencionado anteriormente buscou compreender por meio do processo de adaptação e relação social de estudantes da Universidade Federal de Viçosa, os costumes e práticas que compõe o ato de comer. Para melhor compreender este processo é interessante localizar o estudante ao universo onde está inserido. Sendo preciso entender um pouco mais a respeito da cidade, da Universidade e o modo como estão interligados, inclusive historicamente.

O município de Viçosa está localizado na Zona da Mata do Estado de Minas Gerais e possui, de acordo com dados do IBGE, 72.220 habitantes⁷, podendo ser classificada como uma cidade de porte médio se for levado em consideração o tamanho das cidades com as quais faz fronteira. De acordo com Ribeiro Filho (1997), há indícios de que a urbanização de Viçosa tenha se iniciado durante o período de mineração do ouro, no qual a cidade serviria de base tanto para moradias, quanto para a produção de alimentos de subsistência aos que com a mineração trabalhavam. Com a decadência do ouro, o município teria passado a investir em produções agrícolas diversas, começando pelo café.

Desde meados da década de 1920, a cidade passou a atrair novos habitantes devido à inauguração em 1926 da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), que em 1948 se tornou Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). Atualmente a cidade atrai, ainda mais, parte de sua população pelas oportunidades de empregos e estudos acarretadas pela Universidade Federal

⁷ De acordo com IBGE 2010:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=317130&search=minas-gerais%7Cvicosa%7Cinfograficos:-dados-gerais-do-municipio>

de Viçosa. O que segundo Ribeiro (1997) ocorre desde a década de 1970, período no qual a antiga UREMG foi federalizada, vindo a se tornar a atual Universidade Federal de Viçosa.

O aumento dos cursos oferecidos pela UFV no decorrer dos anos fez com que não apenas o campus expandisse, mas também a cidade. Quando ocorreu a federalização da Universidade, grande parte dos moradores que habitavam seus arredores – onde hoje é a avenida P.H. Rolfs – eram trabalhadores de baixa qualificação das antigas instituições⁸, e ao contrário do que se tem atualmente eram moradores com baixo poder aquisitivo. Atualmente o principal motivador de expansão da UFV tem sido o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), de responsabilidade do governo federal e que tem como objetivo ampliar o acesso às universidades, para tanto muitas universidades, dentre elas a UFV, ampliaram o número de cursos oferecidos.

Como consequência dos processos de expansão da Universidade Federal de Viçosa, as regiões próximas a sua localização passaram a sofrer com a especulação imobiliária, fomentando a criação de leis como a número 609 de 1971 que proibia a construção de casebres no centro da cidade. Essa lógica de habitação urbana em Viçosa contribuiu para a reprodução da separação física e simbólica entre pessoas de diferentes classes e posições sociais. Processo que foi privilegiando, cada vez mais, a urbanização do Centro e dos bairros limítrofes a ele, culminando na configuração urbana que temos em Viçosa nos dias atuais.

O citado processo de crescimento urbano de Viçosa pode ser observado a partir das conversas com os estudantes dos quais a maior parte reside e/ou conhece outros estudantes no bairro Centro⁹, ou em bairros próximos a ele como Ramos, Clélia Bernardes e Lourdes. Sendo possível, inclusive, generalizar este dado e dizer que não apenas os entrevistados, mas também a maior parte dos estudantes não oriundos de Viçosa é residente destes bairros. Esta disposição habitacional de estudantes em Viçosa encontra sua explicação no fato de a Universidade estar localizada próxima ao Centro, atraindo, conseqüentemente, muitos estudantes que

⁸ ESAV e UREMG

⁹ Principalmente nas áreas mais próximas à UFV, pois o Centro é um bairro territorialmente extenso, tendo por isso algumas ruas que não são muito procuradas pelos estudantes.

por uma questão de comodidade e segurança, desejam morar em locais próximos a instituição de ensino. Quando se fala em Centro é importante perceber que o mesmo

“é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e, o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela” (SPOSITO, 1991, p.6).

A escolha por morar na região central de Viçosa não é um fenômeno recente e casual. Como já dito, o município passou por um processo de urbanização que se deu de maneira rápida e amparado pela federalização da atual Universidade Federal de Viçosa. A partir de então, conforme aumentam os números de cursos oferecidos no campus, aumenta também o contingente populacional de Viçosa. Sendo que muitos desses novos moradores estão de forma direta ou indireta, vinculados à Universidade. Correspondendo no primeiro caso a estudantes, professores e servidores; e no segundo aos comerciantes e demais profissionais liberais que buscam melhores oportunidades de renda no mercado consumidor.

Antes de finalizar essa parte, é importante evidenciar que embora a referida Universidade leve o nome de uma única cidade de Minas Gerais, ela possui campus em outras duas cidades deste Estado sendo elas Florestal e Rio Paranaíba. Devido à dificuldade de locomoção entre as três cidades e escassez de tempo para que se pudesse conhecer a rotina dos estudantes nas mesmas, optou-se por pesquisar neste trabalho, apenas estudantes do campus de Viçosa, onde está localizado o curso de Ciências Sociais, no qual estou matriculada.

O conhecimento e a reflexão, mesmo que breve, do modo como a UFV influenciou e influencia no processo de urbanização de Viçosa se faz importante ao ajudar a compreender que os estudantes entrevistados fazem parte, de um município e de uma sociedade que cresceram juntamente à expansão da Universidade. Essa paridade e o modo como ela se deu, permitiu a construção de determinados *habitus* e identidades que foram possíveis de constatar através das entrevistas com os estudantes.

Essa breve retrospectiva histórica do processo de construção e uso social de espaços da cidade de Viçosa pode, inclusive, servir de base para a compreensão da concepção da lógica processual da história e do seu processo civilizador, pensados por Norbert Elias. Possibilitando a percepção de que, também em Viçosa, as coisas

assim como estão hoje, são consequências de processos sociais, culturais, econômicos, políticos e históricos de uma sociedade que está em constante modificação. E no caso do município aqui pesquisado, por mais que em 1971, tenha sido promulgada uma lei que proibisse a construção de casebres nos arredores da UFV, a mesma não foi o único fator para a constituição da sociedade que temos hoje. Juntamente às leis, existe uma série de decisões, inclusive na esfera pessoal dos indivíduos, que possibilitaram a construção do presente que temos hoje.

3.3 O universo dos estudantes em Viçosa

Há momentos nos quais se torna inevitável estudar algo que seja familiar ao pesquisador, assim como foi para mim inevitável estudar a influência da comida na socialização dos estudantes. Considerando o meu anseio em compreender os hábitos alimentares, pude perceber que a comida poderia sim ocupar um lugar simbólico na vida desses indivíduos e por que não, estudá-los? Foi com esta pergunta que rompi a barreira do familiar e iniciei este trabalho entrevistando pela primeira vez justamente uma estudante nascida e crescida na mesma cidade que eu, tendo sido ela quem iniciou a minha lista de contatos com estudantes do terceiro período da UFV.

Sendo o objetivo deste trabalho, analisar a influência da comida para os estudantes que passaram por deslocamentos geográficos e sociais, e como a comida influencia na relação dos mesmos com a UFV e com Viçosa, foram colocadas na estrutura da entrevista¹⁰, questões que remetessem à relação do estudante com estes locais. Neste sentido, buscava-se entender como essas pessoas se identificam dentro deste novo universo e quais eram suas perspectivas e estranhamentos a respeito do mesmo. Foram entrevistadas pessoas de cursos, religiões, origens, gêneros e classes diferentes, mesmo assim, todas foram unânimes em responder que em Viçosa se consideram estudantes.

¹⁰ No início de cada entrevista, os entrevistados me diziam um nome fictício para tipificá-los neste trabalho, portanto os nomes aqui utilizados não são os originais dos estudantes.

“Aqui eu só conheço estudantes, na verdade conheci uma mulher que é conhecida de um amigo meu, da minha cidade, que formou aqui e falou de mim pra ela, que deixou eu ficar na casa dela até eu conseguir vaga no alojamento. É só ela e dois meninos que estudam comigo, o restos dos meus conhecidos aqui são cada um de um canto, até na igreja quando eu vou tem muito estudante, por isso me considero, em Viçosa como estudante.” (Eduardo, Formosa-GO, 3º período)

Todos os entrevistados estão em Viçosa para estudar e não trabalham, esta poderia ser uma justificativa plausível para compreensão a respeito de se identificarem como estudantes. Se analisarmos outra variável, que inclusive aparece na fala de Eduardo, perceberemos que seu grupo de amigos é composto por outros alunos da UFV e não de uma igreja, classe social, ou algum outro grupo, mas sim de pessoas que se identificam com ele pelo fato de serem estudantes. Soma-se a essas duas variáveis o fato de os estudantes que vem de outras cidades não pretenderem continuar em Viçosa após se formarem. Este caráter temporário acaba resultando na não inserção dos estudantes em outros grupos sociais da cidade, pois refazer laços sociais é demorado e requer algum convívio e esforço mútuo entre indivíduos.

“Aqui eu me considero estudante(...) O mais difícil pra mim foi fazer amizades, eu tinha meus amigos lá e aqui eu tive que procurar novos amigos, mas é muito mais difícil. Porque lá, tipo, todo mundo te conhece e gosta de você desde que você nasceu, aí todo mundo atura seus defeitos. Aqui tem que fazer de tudo pra gostarem de você.” (Fernanda, Rio Pomba, 3º período)

A dificuldade de fazer amizades, rapidamente, ao chegar a Viçosa foi uma dificuldade comum a todos os entrevistados. Importantes locais citados como meio de interação e relacionamento foram os bares, lanchonetes e pizzarias que servem rodízios. Nestes locais, os quais serão analisados no decorrer deste trabalho, os estudantes recém chegados, muitas vezes marcam encontros para comer, beber e se conhecer.

3.4 Entre a fome e a vontade de comer

Todos os estudantes entrevistados chegam a Viçosa para estudar, tendo, a maioria, saído pela primeira¹¹ vez da casa de sua família após passar no vestibular da UFV, ocasionando a necessidade de mudar para Viçosa. Como na maioria das vezes, seus familiares possuem laços sociais firmados em outra cidade, não podem acompanhar os estudantes e irem morar em Viçosa, tendo o mesmo que se mudar sozinho. Alguns se mudam para alojamento, outros para repúblicas, havendo também os que preferem ou podem, financeiramente, morar sozinhos. Mesmo os pais ou responsáveis não se mudando junto com os estudantes, eles participaram, em todos os casos, da etapa de escolha da moradia, normalmente feita no período de matrícula destes estudantes. A residência dos filhos em Viçosa ocasiona nos pais preocupação em oferecer comodidade, já que agora não poderão acompanhar rotineiramente e pessoalmente as necessidades dos filhos. Geralmente, devido a preocupações escolhem residências localizadas nas áreas do Centro, que são próximas à UFV ou em outros bairros próximos como Ramos e Clélia Bernardes. Isto resulta no alto preço dos alugueis nessas regiões, o que não limita essas moradias apenas a estudantes de renda alta, pois a existência de várias repúblicas estudantis na cidade propicia a divisão dos valores, possibilitando pagar menos para morar em locais caros. Aos estudantes que não tenham condições financeiras de pagar um aluguel na cidade, a universidade oferece alojamentos, localizados no interior do campus.

A possibilidade de morar nos bairros centrais de Viçosa, inclusive nos alojamentos, oferece aos estudantes uma parte da comodidade almejada por seus pais ou responsáveis. Essa comodidade aproxima espacialmente os estudantes da universidade, dando supostamente mais segurança e tranquilidade, que é mais para os pais do que para os próprios estudantes. A escolha por morar nos bairros centrais, resulta na formação de fronteiras simbólicas entre os estudantes e os moradores naturais de Viçosa, principalmente os que possuem baixa renda e residem em bairros afastados da UFV. Essa fronteira não se dá apenas na relação entre indivíduos, mas também entre indivíduos e espaços urbanos, resultando inclusive no estreitamento de relações sociais entre estudantes, que ocorre devido a morarem e frequentarem locais como bares e restaurantes onde acabam

¹¹ Com a exceção de um único entrevistado, que morava no estado de Goiás e fez o ensino médio em uma escola técnica de Brasília.

reproduzindo e ampliando as relações e os contatos universitários. A observação acerca das fronteiras simbólicas existentes em Viçosa se faz importante neste momento, podendo ajudar na compreensão da dificuldade em se fazer amizades somado ao curto período de estadia em Viçosa. Com os reduzidos espaços de socialização, os estudantes ficam restritos a frequentarem locais nos quais encontrarão, na maioria das vezes, outros estudantes.

“Eu estranhei muito não fazer amigos de cara! Porque eu sempre fui, assim, ficava amiga de todo mundo! Aqui não, não sei o que aconteceu!” (Bianca, 3º período, Tocantins – MG)

A preocupação com a dificuldade em conseguir se “enturmar”, ou seja, fazer parte de um grupo de amigos foi algo apresentado por todos os entrevistados, principalmente nos momentos iniciais da vida em Viçosa. O fato de estarem longe da família desencadeia tanto em quem mora perto, quanto em quem mora longe, uma série de sensações e desejos, que podem ser facilmente supridos, se tratando dos estudantes os quais seus familiares moram geograficamente perto de Viçosa. Foi possível perceber no decorrer das conversas e entrevistas, que dentre esses desejos a comida aparece como um elo, entre elementos que remetem a saudade, identidade, memória, expectativa, solidão e vontade.

“Sinto muita falta de bolo, eu gosto muito de bolo, sabe? Ainda não achei nenhum bolo gostoso aqui; não só igual ao da minha mãe não, mas até o da padaria de lá [Rio Pomba] é mais gostoso do que as daqui.” (Fernanda, 3º período, Rio Pomba – MG)

A comida apareceu nos discursos dos entrevistados, independente da distância geográfica a qual cada estudante está submetido, como uma referência a lembranças e momentos específicos vividos com a família e que a comida se faz presente. O sentir saudade de uma comida específica, como é o caso do bolo para Fernanda, representa mais da saudade de pessoas e lugares do que em relação ao próprio alimento. Outro exemplo é que em Viçosa ocorre o consumo do arroz e feijão pelos estudantes, semelhante ao que fazem na casa dos pais, no entanto sentem falta do arroz e feijão da mãe. É possível perceber que a falta sentida não é do alimento em si, mas de aspectos simbólicos pelos quais as comidas são assimiladas e entendidas.

“Os hábitos alimentares podem mudar inteiramente quando crescemos, mas a memória e o peso do primeiro aprendizado alimentar e alguma das formas aprendidas através dele permanecem.” (MINTZ, 2001, p.32)

O aprendizado citado por Mintz abrange aspectos relacionados aos comportamentos e também aos gostos. Afinal, foi possível descobrir nesta pesquisa os quinze melhores cozinheiros do mundo, dos quais nem o melhor restaurante de Viçosa consegue superar nem mesmo o arroz com feijão, quem dirá aquele “Arroz com Pequi da avó”, ou aquele “lanche que só o pai” de uma das entrevistadas sabe fazer. O que faz falta e se torna insuperável, é a maneira como e por quem a comida é feita, o arroz e feijão que comem em Viçosa ou em qualquer parte do mundo, nunca terá o mesmo sabor do feito pela mãe, pai ou avó.

Soma-se à saudade dos aspectos simbólicos de gostos envolvidos em comidas, a saudade de alimentos específicos, difíceis de encontrar em Viçosa e que foram mais recorrentes nos discursos de estudantes, dos quais a família mora longe. Dentre esses alimentos o Arroz com Pequi e frutos do mar foram os mais citados. Tanto o gosto único de uma comida comum preparada pela mãe, quanto a vontade de comer um alimento específico, permitem perceber que assim como com os estudantes que moram perto, essa saudade é também das relações familiares e de um lugar, no qual estes estudantes vivenciaram importantes momentos. Inserido nos anos de convívio em um lugar estão os hábitos alimentares, lado a lado com momentos e pessoas específicas. Os momentos vividos pelos entrevistados me permitiram ouvir histórias de suas vidas que iam desde aniversários com bolos doces e salgados preparados pela avó, passando pelo natal com mesas de ceia fartas e rodeadas de familiares até o momento em que retornam de Viçosa para a casa dos pais, onde geralmente ocorrem almoços ao seu gosto, sobremesas e churrascos, entre outros. Quando retornam as suas cidades, na casa dos pais, os estudantes são recebidos com o que gostam e/ou não comem com muita frequência em Viçosa. Por este retorno ocorrer geralmente em fins de semana ou feriados prolongados, com exceção das férias, a comida feita para os estudantes será a “comida de fim de semana”, geralmente composta por pratos mais elaborados, com tempo de preparo mais longo. Na casa da mãe de Fernanda, por exemplo, nos fins de semana não se tem o costume de comer salada e quando a estudante está lá são preparados outros pratos que ela gosta como Lasanha, Strogonoff e Salpicão. A estudante, no entanto, sente falta de comer salada em Viçosa, mas mesmo assim o prato não é preparado, pois não é considerado adequado para fins de semana. O que cada grupo familiar, no entanto, definirá como comida de fim de semana irá

variar conforme o ritmo de vida, posição econômica e costumes de cada família. É importante salientar que a situação econômica influenciará nas práticas alimentares, pois o alimento é também um marcador de assimetrias sociais, evidenciadas pelo consumo que é acessível a cada classe, onde o que se come e como se come, podem ser considerados como parte de marcadores de distinção social.

O momento do retorno é um dos mais aguardados durante o período, tanto para quem mora longe, quanto para os que moram perto. O retorno segundo Marcelo, de Maceió (AL), é um dos melhores momentos de estar em Viçosa, “porque meus pais e minha avó fazem tudo que gosto, principalmente o que não como aqui!” Marcelo e os outros estudantes restringem suas idas à casa dos pais, desde que chegaram aqui, apenas a férias, feriados ou algum motivo excepcional, como morte de alguém da família. Já os estudantes entrevistados que os familiares moram perto de Viçosa disseram que no início da vida universitária iam todos os fins de semana, atualmente diminuíram as idas para uma média de “um fim de semana sim e outro não”. Porém o fato de poderem ir à casa dos familiares com mais frequência não torna suas idas menos especiais para quem os recebe.

Uma prática comum apresentada pelos estudantes que moram perto de Viçosa é trazerem da casa dos pais parte da comida que consomem durante a semana.

“Eu vou toda semana e trago arroz, salgados e doces da minha mãe, eu congelo e dura praticamente até a outra semana, quando eu volto pra casa dela. Com isso é bom, porque eu não preciso ir nos supermercados comprar muita coisa, só vou raramente em um mercadinho que tem no caminho de casa pra UFV.” (Bianca, 3º período, Tocantins – MG)

Ter este alimento feito pela mãe, ou alguém da família, vai além do saciar a fome, ou do conforto de não ter que ir ao supermercado. Ter em Viçosa essa comida genuinamente caseira é como ter um pouco das relações familiares e do cuidado característico delas, ao mesmo tempo em que ao consumi-la se reporta ao lugar onde viveu e já compartilhou desta comida. Deve-se levar em conta, que a comida trazida por estes estudantes, geralmente, é a mesma feita no fim de semana, onde foram feitas comidas ao seu gosto. A relevância dada pelos familiares às vontades – dentre elas as gastronômicas – dos estudantes faz com que se sintam especiais, sujeitos de decisão inseridos e representativos para um grupo. É importante salientar que trazer comida de casa também ajuda a economizar dinheiro, embora nos

discursos dos estudantes o fato de se sentir cuidado e próximo da família tenha sido mais latente.

Até o presente momento, foi possível analisar e perceber a relação entre comida e o papel de existir em meio a uma sociedade ou a grupos de indivíduos. Essa relação se torna mais visível no momento em que os estudantes retornam à casa dos pais, onde são recebidos com comidas aos seus gostos. Outro momento que ressalta essa relação é quando trazem de lá, e congelam as comidas já prontas, muitas das vezes as mesmas que foram feitas especialmente para esses estudantes, com o objetivo de comê-las no decorrer da semana. Ao costume de trazer comida para Viçosa, é possível dizer que dificulta ainda mais para a socialização dos estudantes no referido município. Ao comê-la sozinho em sua casa, ou república, em Viçosa, eles se relacionam com pessoas que não estão em Viçosa ao mesmo tempo em que deixam de frequentar locais como restaurantes, lanchonetes, ou mesmo bares onde teriam mais chances de realizar relações interpessoais.

3.5 A comida como um meio para encontros

Bares, restaurantes e pizzarias são estabelecimentos citados pelos estudantes como locais onde puderam conhecer melhor os próprios colegas de faculdade ao mesmo tempo em que funcionam como uma alternativa de escapar da rotina de estudos. A classificação destes locais, de início me pareceu confusa, afinal se eram colegas de faculdade, por que estes lugares serviriam para se conhecerem? Pude ir percebendo, no decorrer das conversas, que os locais servem para estreitar os laços de amizade, para se localizarem dentro do curso e dos próprios assuntos acadêmicos, além de “fofocas” que envolvem veteranos e até professores. Assim eles entrosam entre si, com o curso e com a “nova” vida.

Bares, restaurantes e pizzarias podem ser classificados como principais locais de lazer e socialização dos estudantes em Viçosa. Inserida nas relações entre os estudantes nestes locais está a comida, pois “não vamos ao bar apenas por ir lá, né!

Vamos para beber, comer e comemorar qualquer coisa com o povo mesmo!” (Marcelo, 3º período, Maceió-AL). A fala deste estudante coloca a comida como um elemento integrador, que por meio do bar, restaurante, ou pizzaria consegue reunir grupos de indivíduos. Reúnem estudantes que muitas vezes estão comemorando a realização de uma prova que acabaram de fazer, a chegada do fim de semana, que muitas vezes se inicia na quinta-feira, o jogo de futebol entre times pelos quais em alguns jogos nem torce, entre qualquer outro motivo entendido como tal.

As entrevistas contribuíram para a percepção de bares, pizzarias e restaurantes como fundamentais para a socialização destes estudantes, que quando chegam a Viçosa estão sozinhos – socialmente e sentimentalmente – e estes locais permitem que façam novos laços sociais. Foram citados três tipos de estabelecimentos, que por sua vez possuem algumas funções distintas. As pizzarias mais citadas são as que oferecem rodízios de pizza, sendo os dias de rodízios os preferidos pelos estudantes. Um dos motivos para essa escolha é “o preço que sai barato em vista do tanto de coisa que você vai comer” (Renato, 3º período, Ubá-MG). Outro motivo é segundo o mesmo entrevistado, “porque dá pra galera da turma que não bebe (bebida alcoólica) aproveitar”. As pizzarias são utilizadas como um local de confraternização, aonde todos vão e em torno de uma mesma comida se relacionam. A ida a um rodízio pode ser considerada mais formal do que ir ao bar, pois requer uma organização prévia resultado da possível ida de muitas pessoas, sendo necessária, por exemplo, uma mesa que caibam todos, por isso marcam hora e local para se encontrarem antes de entrar no estabelecimento.

Os bares, assim como as pizzarias, são locais que englobam e unem estudantes. A ida ao bar também requer um convite a todos da turma, porém menos formal, ao contrário das pizzarias, nem sempre são necessárias mesas grandes, “na maioria das vezes a galera bebe mais do que come” (Carla 9º período, Campinas-SP), ou seja, copos não ocupam tanto espaço quanto pizzas. Ao falar de bar, estarei englobando também lanchonetes, que de acordo com os entrevistados são mais usadas como bares, dentre elas as mais referenciadas estão localizadas na Avenida Santa Rita, que leva o nome da Santa padroeira de Viçosa. Em homenagem à Santa Rita, há no início da Avenida, no meio de um dos canteiros centrais, uma imagem da padroeira, ao redor da qual ficam espalhadas as mesas dos bares mais

frequentados pelos estudantes. E para os entrevistados os bares podem ser definidos como o local:

“onde a galera vai pra beber e comer, (comer menos e beber mais), as vezes tem um motivo específico, por exemplo aniversário de alguém, mas na verdade mesmo é que aqui tudo é motivo, desde aquela prova que todo mundo foi bem até àquela que só você foi mal”. (Carlos, 9º período, Montes Claros)

A fala de Roberto corresponde ao que todos os entrevistados disseram a respeito do bar, que mesmo sendo menos formal do que as pizzarias, mas também capaz de integrar os estudantes entre si. Os bares são considerados o ponto de encontro da “galera”, não apenas nos momentos como os citados pelo estudante do nono período, mas também dias de festa, nos quais o bar é o local onde se encontram antes e depois das festas. Maciel (2001), diz que o “comer juntos” reforça a coesão de um grupo, que ao dividirem a comida dividem também sensações. O dito pela autora ajuda na compreensão da importância da comida em meio à reprodução e construção de relações sociais. Ajuda pensar também a interação dos estudantes nos estabelecimentos aqui citados, porém com base em observações e no discurso dos entrevistados, eu mudaria, o “comer juntos” por “estar juntos para comer”, sendo, portanto, a ação na qual os estudantes constroem e reforçam sua própria coesão.

Assim como nas pizzarias, as pizzas são a comida através da qual as interações e coesões entre os estudantes se constroem. Nos bares essa comida, pensada como meio de socialização ou compondo o que aqui se entende como comensalidade, se transfigura na bebida.

“Aqui eu bebo [bebidas alcoólicas] bem mais do que em casa [casa dos pais]. Lá eu bebo sim, mas menos, bem menos. Aqui quando vamos pra ‘Rita’¹², por exemplo, a gente mais bebe e comer, come antes ou na hora de ir embora. Já quando vou pra casa eu bebo menos e como mais, geralmente em churrascos quando chego ou em jantares com meus pais. Só que bem menos mesmo!”(Carlos, 9º período, Montes Claros-MG)

Quando se vai ao bar em Viçosa, se vai para beber, os alimentos consumidos nem sempre serão os mesmos para todos os que estão juntos¹³. Como disse Carlos,

¹² Embora na Avenida Santa Rita tenha um bar chamado “Bar da Rita”, quando os estudantes fazem referência a “Rita” estão abrangendo todos os bares localizados na avenida, ou seja, neste caso Rita é utilizado como diminutivo para avenida.

¹³ Quando se vai ao bar para pedir alguma porção grande, que dê para muitas pessoas, o processo de ida ao bar se assemelha ao da pizzaria e não é uma prática rotineira em relação a ida ao bar, ocorrendo mais em datas comemorativas, como aniversários.

o consumo de alimentos geralmente fica para os momentos pré-bar, ou pós-bar, e nesses momentos a escolha do que comer se dá de forma individual. Outra escolha que pode ser feita durante a noite nos bares é o consumo de porções, caldos, ou até pizzas, porém as escolhas são individuais, ou por duplas ou grupos pequenos dentro de um grupo maior. Como disse Roberto, também do nono período:

“As vezes tem duas pessoas, ou um casal mesmo que querem uma determinada porção mais cara por exemplo. Depois tem alguém que quer uma porção de batata que é mais barata e serve de tira gosto. Ou então no fim da noite, que cada um pede um salgado e ta tudo certo.” (Roberto, 9º período de Vitória- ES).

Embora esteja com outros estudantes, no bar, comer a mesma comida não é uma regra. A comida nesses momentos é vista como o alimento, servindo mais para sustentar do que para integrar, nos bares frequentados pelos estudantes entrevistados, esta integração já foi feita por meio de outro componente: a bebida. Frente a estes fatos e contexto, é possível dizer, a grosso modo, que a comida os socializa na família, enquanto que a bebida socializa amigos.

Além dos bares e pizzarias, outro estabelecimento que ganhou destaque nos discursos dos estudantes foram os restaurantes. Os entrevistados apontaram para dois tipos de restaurantes por eles frequentados, sendo o primeiro os Restaurantes Universitários e o segundo, os demais restaurantes espalhados pela cidade de Viçosa. Os primeiros restaurantes analisados serão o Restaurante Universitário (R.U.) e o Multiuso (M.U.), ambos oferecem comidas para os estudantes por um real e noventa centavos. Estes dois restaurantes são frequentados por uma maioria de estudantes, embora pessoas não vinculadas à UFV também possam frequentá-los se pagarem um pouco mais caro.

Os dois Restaurantes Universitários da UFV funcionam de maneira semelhante, inclusive no cardápio que na maioria dos dias são iguais. Ao chegar aos restaurantes é preciso enfrentar uma extensa fila, principalmente se for durante horários de pico, que geralmente ocorrem das 11:00 até 12:30 para o almoço e 17:30 até 18:30 para o jantar/lanche que só é oferecido pelo RU. Contudo é possível enfrentar fila durante quase todo o horário de funcionamento dos mesmos. A maneira de pegar a sua comida é o que mais difere os dois restaurantes; no chamado RU parte da comida chega por meio de uma esteira e dentro de uma bandeja, na qual se encontram a salada e a carne. Após pegar a bandeja cada

pessoa deve servir seu próprio arroz e feijão. Já no MU este processo se dá de forma diferente, ao invés de bandeja, a comida é colocada em um prato de vidro branco e com exceção da carne que é servida por funcionários do restaurante, a salada o arroz e o feijão são servidos pelos usuários do local.

Como veremos a seguir, o fato de comer em um prato e não em uma bandeja, é o principal motivador da escolha de alguns estudantes em prol do Restaurante Multiuso. Logo após pegar a comida se inicia o que muitos dos estudantes com quem conversei consideram uma saga: encontrar uma mesa que esteja vazia e caso isso não ocorra é necessário sentar à mesa com desconhecidos. No RU é comum a concentração do almoço ser interrompida por um barulho quase ensurdecedor, provocado pelo bater incessante dos talheres na bandeja, ambos de alumínio. A origem deste “batuque” se dá quando algum usuário deixa cair algo no chão, ou após uma turma de amigos cantarem os “parabéns”, em função do aniversário de alguém. No M.U isso não ocorre, pois lá não se usa as bandejas de alumínio. Por fim, ao terminar de almoçar – ou jantar – é necessário que cada um leve a bandeja ou prato utilizado até um ponto de entrega, onde serão lavados e reutilizados.

Os Restaurantes Universitários estão, de acordo com os estudantes, dentre as experiências que mais lhes causaram estranhamento em Viçosa. No R.U, como foi dito, os alimentos são servidos em bandejas de alumínio que possuem divisões internas para cada alimento, são também conhecidas como “bandejões”. O M.U. se diferencia neste aspecto, sendo que nele os alimentos são servidos em um prato, o que agrada a muitos. Em contrapartida outros entrevistados, mesmo não gostando de comer em bandeja alegam não compensar comer em um prato sendo que o gosto da comida do R.U. é um pouco melhor. Este é, entretanto, um assunto que divide opiniões entre os entrevistados, pois outros não sentem muita diferença nos gostos, e como preferem comer no prato optam por almoçar no MU mesmo.

“No início eu achava o R.U. a ‘treva’, hoje em dia eu já acostumei, mas comer naquelas bandejas sinistras, sei lá, ainda não gosto.” (Bianca, 3º período, Tocantins-MG)

Neste caso o que divide opiniões é consequência dos costumes de cada indivíduo ao começar pelo estranhamento à bandeja, que é apenas o objeto no qual a comida se encontra. Até os estudantes que não se importam em comer na bandeja, pois “isso não altera o sabor da comida”, preferiram comer em um prato. O

prato e a bandeja assumem significados simbólicos que expressam aspectos rituais inseridos na cultura dessas pessoas, afinal aprenderam que comer em prato faz parte dos modos à mesa. Foram feitas ainda analogias sobre a comida na bandeja ser servida deste modo em presídios, mesmo estes estudantes nunca terem frequentado uma penitenciária.

A comparação com presídio ajuda a perceber que os costumes de colocar a comida em um prato ou em uma bandeja, estão eivados de significados. Essa relação remete às noções de civilidade e impureza adquirida por esses indivíduos até o presente momento. Como se a comida se tornasse impura no momento em que é colocada na bandeja, consequência tanto de analogias a uma realidade por eles considerada não digna de um indivíduo civilizado, como de um costume apreendido ao longo de suas vidas como correto. Outro elemento que apareceu nos discursos dos estudantes como agregador de impureza à comida desses restaurantes é a possibilidade de encontrar fios de cabelo de pessoas estranhas na comida.

"Aqui eu tenho que ter mais cuidado na hora de comer, por exemplo, se eu encontrar um cabelo na comida do RU eu perco a fome na hora, passo até mal. Na casa da minha mãe eu não me preocupo muito, porque se eu achar um cabelo vai ser dela, aí é só tirar e voltar a comer! [risos]" (Bianca, 3º período, Tocantins- MG)

Outro utensílio de auxílio ao ato de comer que assume uma dimensão ritual e simbólica no dia a dia dos estudantes é a mesa. Este objeto pode ser observado como um eixo que une outras práticas, memórias, percepções e sentimentos. A mesa esteja na cozinha, sala de jantar, ou restaurantes, é concebida como o lugar onde se come e de partilhar a comida e o momento com pessoas conhecidas. Assim sendo, colocar a comida em um prato sentar-se em volta de uma mesa para comer, possui significados específicos que dotam esta ação de sentidos.

"Formas de sociabilidade, a ornamentação da casa, a etiqueta nas visitas e o ritual à mesa foram, nesse momento, relegados à esfera da vida privada." (ELIAS, 1993, p.253)

De acordo com Elias, desde a Idade Média, os rituais à mesa foram ficando relegados à esfera privada durante o processo civilizador. Esta configuração permite consequentemente, interpretar a mesa como um espaço privado/individual, o qual só deveria ser dividido com pessoas conhecidas. Desta maneira, concebendo como

cultural o costume de dividir uma mesa de comida apenas com pessoas próximas, nos restaurantes universitários da UFV esta ação adquire para os estudantes dimensões conflituosas, pois quase sempre, é necessário dividi-la com desconhecidos.

“No início eu achava nada a ver, se eu estivesse sozinho, esperava esvaziar uma mesa. Se sentasse alguém desconhecido na minha mesa eu achava nada a ver! Eu acho que você tem que almoçar com alguém que você conhece, entendeu?” (Fernanda, 3º período, Rio Pomba-MG)

“Eu faço todas as refeições, praticamente, no RU. Eu já estudei em escola técnica antes né?! E lá tinha restaurante coletivo também, no início eu achava estranho, só que lá era mais vazio, dava pra sentar sozinho. Aqui é sempre cheio! Acho um pouco ruim quando tenho que sentar com desconhecidos, parece que tá invadindo a privacidade, sabe? Mas não posso fazer nada!” (Eduardo, 3º período, Formosa- GO)

Durante o almoço os restaurantes ficam cheios, não havendo como cada estudante, caso queira, sentar sozinho em uma mesa, se estiver sozinho, é bastante provável que tenha de se sentar com desconhecidos. Porém nenhum dos entrevistados encarou este fato como algo normal, mesmo os que alegaram que atualmente não se preocupam mais isso, afirmaram se incomodar, no início da vida em Viçosa, com a possibilidade de dividir uma mesa com estranhos. Este comportamento é mais um dos aspectos simbólicos das práticas que envolvem o ato de se alimentar. Desde a infância estas pessoas aprenderam a dividir mesas de comidas com conhecidos, pessoas da família. Devido a esse estranhamento de sentar a mesa com pessoas desconhecidas, quando podem, ou quando tem dinheiro sobrando, esses estudantes optam por comerem em outros restaurantes, onde podem ter a chance¹⁴ de comer realmente sozinhos.

“Eu acho que no M.U e R.U deveria ter mais mesas; eu acho péssimo ter que sentar com quem não conheço. Sempre como em outro restaurante quando to sozinho!” (Bianca, 3º período, Tocantins-MG)

Todos os entrevistados apontaram alguma comida, mesmo que possuía gostos diferentes, os fizessem lembrar alguém que não está em Viçosa, na maioria das vezes a mãe, o pai ou as avós. Quando vão sozinhos almoçar em um restaurante se desvencilham do universo acadêmico, motivo pelo qual tiveram que se mudar para Viçosa e conseqüentemente se afastar da família. A opção por comer

¹⁴ A palavra chance foi usada, pois nem sempre nos restaurantes mais frequentados pelos estudantes, que não são o R.U ou M.U, tem uma mesa completamente vazia, embora isso seja mais fácil de ocorrer. Mesmo assim correm o “risco” de serem também obrigados a dividir uma mesa com desconhecidos.

sozinho, quando não estão na companhia de colegas de curso, me pareceu uma tentativa dos estudantes de se aproximarem da família que está em outra cidade. Os estudantes disseram que quando estão na casa dos pais, sempre fazem as refeições juntos, algumas vezes inclusive com mais pessoas da família e que sentem falta dessa partilha em Viçosa. Esta partilha é diferente da ocorrida nos bares e pizzarias, caracterizada pela partilha de memórias individuais resultando, como foi visto, na socialização desses estudantes. Enquanto que a partilha entre pessoas que participaram de seu passado está carregada, também, de memórias em comuns.

As respostas dos estudantes foram marcadas pela dualidade entre o estar aqui, em Viçosa e o estar lá, na casa dos pais. “A única coisa boa aqui é que a gente pode comer a sobremesa antes do almoço” (Isabeli, 3º período, Vitória-ES). A fala desta estudante reflete uma característica comum em todos os entrevistados, a relação com regras aprendidas ao longo de suas vidas e diferentes maneiras de agir nos dois lugares. O significado de cada refeição também assume características e nomes distintos, com exceção do almoço, por exemplo, “aqui eu lanchinho, lá eu janto”, esta foi uma frase repetida, de diferentes maneiras, por todos os entrevistados. As diferenças nos nomes são amparadas pela combinação dos alimentos nas refeições e com quem são partilhadas, definindo assim os nomes de cada refeição.

O emprego de nomes distintos para refeições realizadas no mesmo horário, mas em cada um dos dois lugares, revela graus de importância para as refeições feitas aqui e lá. O que se come em Viçosa é visto como inferior, ou menos relevante, sendo o lanche em oposição ao café da manhã ou da tarde e outro lanche em oposição ao jantar, apenas o almoço continuou classificado como tal nos dois lugares. Os lanches geralmente são refeições rápidas, com poucas opções de escolha, enquanto o café e a janta são refeições mais demoradas e elaboradas. Outro fator importante para as nomeações das refeições é a companhia que se tem nesses momentos, pois o café e o jantar que fazem na casa dos pais são compartilhados com mais pessoas, irmãos, primos, pai, mãe, avó, entre outros que podem vir a fazer parte deste momento.

Se tomarmos por base a definição de cultura apresentada por Geertz (2008) será possível compreender que existe, de fato uma determinada gama de símbolos

e significados aos quais os indivíduos terão de interpretar. Até mesmo regras em comuns apreendidas pelos membros de uma sociedade específica, interpretadas por Elias como *habitus*. Porém mesmo existindo elementos de integração, os indivíduos possuem, em contrapartida, maneiras específicas de interpretar tais regras, que podem ser classificadas como o *habitus* definido por Bourdieu, o qual busca integrar os aspectos sociais, familiares e individuais da apreensão de saberes. Conforme Bourdieu, o *habitus* será consequência de capitais culturais e econômicos aos quais os indivíduos terão acesso no decorrer de suas vidas.

IV. Considerações finais

"Deixaste-nos mais famintos
poesia, comida estranha,
se nenhum pão te equivale:
mosca deglute a aranha".
(ANDRADE, 1982, p 177)

O presente trabalho teve como foco a análise dos hábitos alimentares de estudantes oriundos de outros municípios e Estados, que vieram residir em Viçosa. Mesmo sabendo claramente qual é o foco deste trabalho, cabe ressaltar que as análises e observações detalhadas e realizadas no decorrer da pesquisa permitiram obter percepções acerca de outros possíveis temas a serem analisados à luz da Antropologia da Alimentação. Pensar a respeito do que se come, onde se come e o porquê de ambos, está associado a uma discussão clássica da Antropologia que consiste na relação entre natureza e cultura. Neste sistema binário a Natureza se representa por meio dos aspectos fisiológicos existentes na alimentação, como a fome e demais necessidades do corpo. Porém, imbricada à Natureza está a Cultura, que a partir de signos e significados, codifica e decodifica, por exemplo, de quais alimentos o indivíduo sentirá fome. Neste sentido é possível parafrasear Carlos Drummond de Andrade, pois a fome pode coexistir com a vontade de consumir comidas específicas. No caso dos estudantes em Viçosa, "o arroz da mãe", "o

lanche do pai”, ou “o doce da avó” assumem o lugar da poesia para Andrade, e muitas vezes a fome que se sente, só será saciada quando comerem tais iguarias.

A necessidade fisiológica de se alimentar e a vontade cultural de comer determinadas comidas agem aliadamente na vida das pessoas e podem ser um grande desafio ao exercício, por exemplo, de ciências como a da Nutrição, pois se levando em consideração apenas os aspectos fisiológicos/nutritivos da alimentação, poderão ocorrer desencontros no tratamento dos pacientes. Este trabalho, por buscar compreender os sentidos e significados que norteiam as práticas e os hábitos alimentares dos indivíduos também se faz importante como ponto de partida para futuras reflexões sobre a relação dos mesmos para com diversas áreas da ciência. Talvez esta relação pudesse ter sido mais explorada neste trabalho, porém devido ao curto prazo e o receio de me distanciar do foco analítico, preferi deixar este debate entre ciência e costumes para trabalhos futuros, pois meu interesse em se pesquisar assuntos relacionados a Antropologia da Alimentação, não se acabará aqui.

Retomarei agora a hipótese inicial deste trabalho sobre o fato de que, os estudantes os quais os familiares morassem próximos a Viçosa teriam um processo de socialização demorado, devido a tal proximidade. Em contrapartida, os que morassem longe dos familiares o processo de socialização se daria mais rapidamente. O campo escolhido para comprovar, ou não tal hipótese foi o da Antropologia da Alimentação, para tanto, foi necessário relatar algumas etapas nas quais os estudantes lidam diretamente com comida, saudade, memória e com o novo. Estas etapas me ajudaram na percepção da relação entre o próximo, o distante e a socialização dos estudantes em Viçosa.

Pode-se afirmar que os estudantes que moram perto vivenciam com muito mais frequência as relações sociais do lugar por eles deixado, do que as construídas, por eles próprios, em Viçosa. Existem algumas diferentes maneiras destes estudantes vivenciarem as relações sociais dos lugares por eles deixados, como fotografias, músicas, objetos, cheiros específicos, enfim, entre outros também se encontra a comida. A comida aparece como uma ligação direta entre todas as sensações relacionadas à saudade, as comidas são carregadas em si dessas sensações. Os estudantes de quem os pais moram perto podem transitar

territorialmente entre as cidades com mais facilidade e constância do que os que moram longe, e neste traslado a comida se torna uma lembrança concreta a qual, levam com facilidade, da casa dos pais para Viçosa.

Foi visto no desenvolvimento deste trabalho que a forma como comida é compartilhada, entre os próprios estudantes inclusive, possui a capacidade de integrar indivíduos com histórias, memórias e identidades distintas, que por meio dela passam a se interagirem, ou mesmo se identificarem. É claro que existem outros meios de interação entre estes estudantes, a sala de aula e trabalhos acadêmicos em grupo são alguns exemplos. Porém, como os próprios estudantes entrevistados disseram a comida experimentada e compartilhada em bares, restaurantes e pizzarias, contribui também para fortalecer ou reafirmar laços sociais iniciados nas próprias salas de aula, além de propiciar debates sobre os mais variados assuntos, entre eles trabalhos e avaliações acadêmicos, aproximando-os, de outros estudantes. Pensando a respeito deste papel socializante pertencente à comida é possível dizer que: o fato dos estudantes os quais familiares morem perto de Viçosa, permite que tenham neste município uma parte do universo deixado, do qual sentem saudade, dificultando as chances de que este indivíduo se socialize, ou se “enturme” rapidamente. O costume de trazerem para Viçosa, comidas feitas pelos pais, alia a vontade de comer um sabor específico de comida, com a não necessidade de ter que gastar dinheiro e ir para a rua em busca de alimento. A ida aos estabelecimentos aqui citados se intensifica aos fins de semana, dias em que muitos estudantes, cujos pais moram perto, destinam para visitá-los e reabastecer a mala de comidas, memórias e saudades.

Os estudantes de quem os familiares moram longe, em contrapartida, vivenciam Viçosa de maneira diferente. Como consequência da distância territorial até a casa dos pais, estes estudantes apresentam um discurso mais conformado, embora haja neles também estranhamentos, saudades e memórias de uma comida especial, estas sensações se manifestam juntamente com a fome e em momentos nos quais se alimentam. A saudade de comidas específicas e não encontradas com frequência em Viçosa como o “Arroz com Pequi” e “Frutos do Mar”, se faz presente ao lado da aceitação de que, longe da casa dos pais é realmente difícil come-las. Esta aceitação à distância é o que faz estes estudantes buscarem, ou estarem mais

receptíveis a novas experiências e vivências em relação à comida, contribuindo para facilitar sua socialização no município de Viçosa. Estas análises sobre estudantes e cidades de origem corroboram a hipótese inicial deste trabalho, afirmando que realmente existem distinções em relação ao processo de socialização dos estudantes e cidade de origem dos mesmos.

A corroboração da hipótese deste trabalho não elimina a coexistência de semelhanças que identifiquem estes estudantes entre si, a começar pela própria identificação de cada entrevistado como estudante. Ser estudante em Viçosa não é apenas uma profissão, ou uma definição formal e jurídica, foi possível perceber que o fato de serem estudantes e se reconhecerem como tal, está relacionado a um modo de viver, ser, agir e sentir neste município. Embora existam as diferenças entre eles, em relação ao prazo de socialização, ao se definirem como estudantes muitas outras distinções são deixadas de lado. O grupo de entrevistados foi composto por indivíduos de diferentes rendas, religiões, gênero e cursos, a amplitude de referências as quais, cada entrevistado possui, me fez refletir sobre o fato de que se os entrevistados fossem oriundos de uma mesma cidade, nela muitos deles não se identificariam como membros de uma mesma classe, ao contrário do que pode ocorrer e ocorre em Viçosa. Independente de qualquer uma dessas referências sejam os estudantes pertencentes a diferentes religiões, com mais ou menos condições financeiras, morando ou não em alojamento concedido pela UFV, por exemplo, todos citaram os mesmos nomes de bares e restaurantes como locais por eles mais frequentados em Viçosa.

A religião foi outro suporte analítico levado em consideração neste trabalho, no entanto, tendo como referência os discursos elaborados pelos entrevistados é possível dizer que para eles a influência da religião nos costumes alimentares passa despercebida. O fato de não ter sido considerada como algo marcante nas respostas, não é possível fingir que a religião não influencie em nada em seus costumes. Os entrevistados alegaram não possuir nenhum ritual religioso, como se benzer ou rezar, antes das refeições, assim como não possuir restrições alimentares relacionadas à religião, porém mudaram o discurso ao serem indagados a respeito de datas específicas como quarta-feira de cinzas, semana santa, natal, entre outras. Esta observação remete ao que Woortmann (2013), diz sobre hábitos referentes às

normas religiosas, que de tão comuns e rotineiros na vida de muitas pessoas acabam se desconectando de suas origens.

Por último, resta pensar o segundo objetivo desta pesquisa, o de verificar se no decorrer do processo de socialização dos estudantes em Viçosa, os hábitos alimentares eram por eles reproduzidos. Foi possível verificar que os hábitos alimentares se reproduzem mais em pensamento do que nas ações reais destes estudantes. Frases como “aqui a gente pode comer a sobremesa antes do almoço”, ou “aqui eu como onde eu quiser, na sala, no quarto, no banheiro, na cozinha”, refletem a consciência destas pessoas de que existem hábitos e regras que devem ser seguidos no ritual de se alimentar. Os entrevistados sentem saudades, como já foi dito, das comidas preparadas pelos pais e de todas as práticas e rituais que a envolvem, entretanto em Viçosa essas práticas permanecem na memória e fazem sentido apenas quando se está no lugar correto e com as pessoas corretas. Por fim, é possível pensar que como todo ritual, o comer junto, com pessoas e da maneira como se está acostumado, também acrescenta na vida dos indivíduos percepções acerca do significado de mundo para cada um que o pratica. Quando algum fator constituinte de um ritual está ausente, as práticas podem deixar de serem vivenciadas como ritual, deixando, conseqüentemente, de lado grande parte de seu significado.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Cecília Calhau. 2006. "Vou à Rua: centro urbano e centralidades do município de Viçosa". Monografia apresentada à disciplina GEO 481 – Monografia e Seminário, do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

ALVES, Natália Carolina. 2008. *Memória do Cantinho: formação da periferia urbana de Viçosa*. Revista de História Contemporânea.

ANDRADE, Carlos Drummond de. 1982. "Antologia poética". 15 ed, Rio de Janeiro, J. Olympio.

BOURDIEU, Pierre. 2011. "Economia das Trocas Simbólicas." – São Paulo: Perspectiva.

_____. 1996. "Razões Práticas: sobre a teoria da ação". – Campinas, SP: Papirus.

CARDOSO, Roberto de Oliveira. 1998. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever". In: O trabalho do antropólogo. São Paulo – SP, UNESP/Paralelo 15, 2ª Edição.

CASCUDO, Luís da Câmara. 2008. "Antologia da Alimentação no Brasil". 2 ed. São Paulo: Global.

CONTRERAS, Jesus. 2011. "Alimentação, Sociedade e Cultura". / Jesús Contreras e Mabel Garcia – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

DANIEL, Jungla Maria Pimentel. 1989. "O valor Social e Cultural da Alimentação"/ Jungla Maria Pimentel, Veraluz Zicareli Cravo. In: Boletim de Antropologia.

DOUGLAS, Mary. 2012. "Pureza e Perigo". – 2 ed. – São Paulo: Perspectiva.

DUTRA, Rogéria Campos de Almeida. 1991. "A Boa Mesa Mineira: um estudo de cozinha e identidade". Rio de Janeiro: UFRJ/MN.

_____. 2007 "Família e redes sociais: um estudo sobre as práticas e estilos alimentares no meio urbano". Rio de Janeiro: UFRJ/ MN.

DA MATTA, Roberto. 1997. "A casa e a Rua". Rio de Janeiro: Rocco 5 ed.

_____. 1974. "O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues". Cadernos do PPGAS, Rio de Janeiro, Museu Nacional.

ELIAS, Norbert. 1994. "O processo civilizador: uma história dos costumes". 2.ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, , vol. 1 (Trad.: Ruy Jungmann).

_____. 1993. "O processo civilizador: uma história dos costumes". Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor . vol. 2.

FRY, Peter. 1982. "Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira". Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GAUDERETO, Belisa L. 2013. "Cultura e Ciência em hábitos alimentares no município de Viçosa. UFV, Iniciação Científica/CNPq.

GEERTZ, Clifford. 2008. "A interpretação das Culturas". – 1 ed. – Rio de Janeiro, LTC.

HARRIS, Marvin. 1978. "Vacas, Porcos, Guerras e Bruxas: os enigmas da cultura". Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.

IBGE. 2011. "Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil"/ IBGE, Coordenação de trabalho e rendimento. – Rio de Janeiro: IBGE, 150p.

LATOUR, Bruno. 1997. "A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos". Rio de Janeiro: Relume Dumará.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2006 "A Origem dos Modos à Mesa – Mitológicas 3". São Paulo: CosacNaify.

_____. 2004. "O Cru e o Cozido – Mitológicas 1". São Paulo: CosacNaify.

MACIEL, Maria Eunice. "Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin?" *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v.7, n. 16, 2001. Disponível em: v.7, n.16,2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

_____. 2005. "Identidade cultural e alimentação". In: CANESQUI, Ana Maria (org.). "Antropologia e nutrição: um diálogo possível". Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2000. "Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole". In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lilian (orgs.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Edusp.

MINTZ, Sidney W. 2001. "Comida e Antropologia: uma breve revisão." - RBCS, vol. 16, nº 47 outubro.

MONTARI, Maximo. 2008. "Comida como Cultura". São Paulo: Editora Senac São Paulo.

PARK, Robert E. 1967. "A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento Humano", in: Velho, O. G. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.

RIBEIRO FILHO, G.B. 1997. *A Formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG*. 1997. 244p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro.

RODRIGUES, José Carlos. 2006. "O Tabu do Corpo". Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 7 ed.

SAHLINS, Marshall. 2003. "Cultura e Razão Prática". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

SANTOS, Ana Maria Corrêa dos. Sociabilidade e ajuda mútua na periferia urbana de Viçosa, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, 1991.

SPOSITO, M.E.B. Centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de Geografia**, v.10. São Paulo: Universidade Estadual Paulista/UNESP, 1991.

VELLHO, Gilberto. 1974. "Observando o Familiar". In: Simpósio sobre trabalho de campo. UNB.

WHITE, Leslie A. 2009. "O conceito de cultura". Leslie A. White [com] Beth Dillingham. – Rio de Janeiro: Contraponto.

WEITZMAN, Rodica. 2011. "Entre a roça e a cidade: um processo de invenção de práticas alimentares e agrícolas"- Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional – PPGAS.

WOORTMANN, Ellen F. 2013. "A Comida como linguagem." *Revista Habitus*, v.11, p.5-7.

Links utilizados:

www.cidades.ibge.gov.br

www.ipeadata.gov.br

<http://www.ufv.br/>

Anexo I: Tabela sobre os estudantes citados no decorrer do trabalho

Cidade de Origem	Período de curso	Escolaridade dos pais	Curso
Rio Pomba-MG	Terceiro	Mãe: E.M. completo/Pai: E.F. incompleto	Biologia
Tocantins-MG	Terceiro	Mãe: E.M. completo/Pai: E.F. incompleto	Agronomia
Formosa- GO	Terceiro	Mãe: E.M. completo/Pai: E.M. completo	Ciências Econômicas
MecêS-MG	Nono	Mãe: E.M. completo/Pai: S. completo	Engenharia Química
Montes Claros-MG	Nono	Mãe: S. completo/Pai: S. completo	Engenharia Agrícola
Vitória-ES	Nono	Mãe: S. completo/ Pai: S. completo	Engenharia Química
Vitória-ES/Porto Seguro-BA	Terceiro	Mãe: S. completo/ Pai: E.M. completo	Biologia
Campinas	Nono	Mãe: S. completo/Pai: S. completo	Biologia
Ubá	Terceiro	Mãe: E.M. completo/Pai: S. completo	História
Maceió-AL	Terceiro	Mãe: E.M. completo/Pai: S. completo	Agronomia

Anexo II: Roteiro básico das entrevistas

- 1 Nível de escolaridade dos pais.
- 2 Você possui alguma religião? Qual? É a mesma dos seus pais?
- 3 Cidade de origem, na qual passou maior parte de sua vida
- 4 Quando veio para Viçosa, foi a primeira vez que saiu da casa dos pais?
- 5 Qual foi sua principal motivação para se mudar para Viçosa?
- 6 Você costuma ir quantas vezes por período (semestre) à casa de seus pais?
- 7 O que mais estranhou quando chegou à Viçosa? (Se não for citada, perguntar sobre a comida)
- 8 E em relação à UFV? (Se não for citada, perguntar sobre a comida)
- 9 Onde você come? (Estabelecimentos e locais da casa)
- 10 Há alguma comida específica que aqui em Viçosa você não come e tem bastante vontade de comer? (Pedir para explicar mais a respeito de como é a comida e de seu preparo, como quem a faz)
- 11 Há alguma comida que quando a come, em Viçosa, te lembra alguma pessoa ou lugar específicos?
- 12 Quais são seus hábitos diários em Viçosa, em relação à alimentação? E como você nomeia cada refeição que realiza? A sua religião exerce alguma influência nestes hábitos? (Rezar ou se benzer antes de comer; não comer determinadas carnes, etc.)